Acervo ISA

O GLOBO

Cannes: *Besson e os rumos da humanidade em 'O quinto elemento'* • 5

SEGUNDO CADERNO

TV: *Cicciolina vai fazer uma participação em 'Xica da Silva'* • 10

QUINTA-FEIRA, 8 DE MAIO DE 1997

HCT0009

Reprodução

Invenção de um mundo novo

A aventura do Descobrimento serve como inspiração para romances

José Luis da Conceição

PIMENTA (À ESQUERDA) e Torero no monumento a Cabral no Ibirapuera: bom humor

Paulo Roberto Pires

Perto de completar 500 anos, a viagem de Pedro Álvares Cabral ao Novo Mundo volta a inspirar na ficção o que a História consagrou como o "Descobrimento do Brasil". Partindo de parcas informações sobre um dos degredados que chegaram por aqui com as naus portuguesas, José Roberto Torero tem tudo para reeditar o sucesso de "O Chalaça" em "Terra papagalli" (Companhia das Letras), uma divertida autobiografia de Cosme Fernandes imaginada em parceria com Marcus Aurelius Pimenta. Já o ensaísta e crítico Ronaldo Lima Lins toma a carta de Pero Vaz de Caminha como fio condutor de "Jardim Brasil: conto" (Record), um romance que vai a 1500 para falar das desilusões do Brasil de hoje.

— Em muitos pontos "Terra papagalli" se parece com "O Chalaça", a diferença é que no primeiro livro 70 % das informações eram verdadeiras — conta Torero. — O interessante é que os fatos verídicos são quase sempre mais interessantes e absurdos do que a gente poderia inventar. A melhor parte da história já está escrita.

Diversos documentos e relatos de época mencionam a presença, nos primeiros anos de Brasil, de Cosme Fernandes, conhecido como Bacharel da Cananéia. Torero e Marcus Aurelius encontraram o personagem quando perseguiam João Ramalho, o degredado cuja vida é mais conhecida nos livros de História.

— É interessante notar que entre 1500 e 1530 há um vácuo na História — diz Marcus Aurelius, que trabalhou em cinco versões de "Terra papagalli" com seu parceiro. — A verdade é que naquela época o Brasil era apenas uma paradinha. Só quando os franceses encontraram os tupinambás é que Portugal acordou e começou a patrulhar a costa.

Com as poucas informações de que dispunham, Torero e Marcus imaginaram que Cosme seria um cristão novo que havia sido expulso do seminário depois de confessar involuntariamente que sucumbiu aos chamados prazeres da carne. Foi exilado e aqui se instalou na região da costa paulista, tornando-se traficante de escravos e fundando ao lado de outros seis degredados a Terra dos Papagaios, um começo imaginário de todas as mazelas que assolariam o Brasil. Anti-herói típico, Bacharel come o pão que o diabo amassou da primeira à última página do divertido "Terra papagalli".

— Não é uma fábula sobre o descobrimento, pois a História não foi muito diferente do país ocupado aqui e ali por aqueles grupos de degredados — observa Torero. — A idéia é que o romance histórico não sirva só para mostrar o passado, mas para refletir o que acontece hoje.

Continua na página 2

Acervo ISA

INVENÇÃO DE UM MUNDO NOVO • *Continuação da página 1*

O passado como reflexo dos dias de hoje

Autores vão da metáfora do fim das utopias ao inventário dos estilos da literatura do século XVI

Refletir o presente no passado, só que de forma bem mais sombria, é o objetivo de Ronaldo Lima Lins ao abrir cada capítulo de "Jardim Brasil: romance" com trechos da carta de Pero Vaz de Caminha. Ambientado no Brasil de nossos dias, o livro é segundo seu autor um romance histórico que, em vez de recriar fatos, toma a História como uma metáfora.

— A idéia central do livro é mostrar a compulsão à viagem existente em cada um de nós — diz Lins. — A carta representa todas as expectativas em relação ao futuro, a existência de um projeto para o homem.

As referências ao governo de Vargas, ao golpe militar e à Era Collor feitas na narrativa fragmentária dão o contraponto às esperanças no futuro que o relato de Caminha traduz. Lins lembra que todos os discursos sobre a igualdade entre os homens nascidos na Europa sofreram clara influência dos relatos chegados do novo mundo, onde "bons selvagens" viveriam em harmonia.

'Jardim Brasil' é ambientado nos dias de hoje

— O que vivemos é a crise das utopias, daqueles ideais vindos da Revolução Francesa — diz Lins. — Meu livro é também uma viagem pelos valores, por dramas individuais. Eu costumo brincar dizendo que é um romance existencialista pós-moderno.

"Pós-moderno" é uma expressão que não está, nem de brincadeira, no dicionário de José Roberto Torero. Mas, assim como a ficção posta sob aquele rótulo, "Terra papagalli" brinca com linguagem e narrativas da época.

— Além da história, a gente queria fazer uma espécie de almanaque da literatura do século XVI — diz Marcus. — Por isso brincamos com três formas bem populares: o bestiário, os dicionários e os diários de viagem.

O bestiário, que descreve seres estranhos e hilariantes, é uma brincadeira com a curiosidade européia pelos animais de suas novas terras e o diário, um relato da viagem de Cosme. A sofisticação da dupla ficou por conta de um dicionário de tupi que foi elaborado com a ajuda de um especialista. A partir da estrutura do tupi, eles criaram novas palavras, quase sempre de efeito cômico.

— Este livro tem mais fôlego, está mais bem acabado — diz Torero, que vendeu mais de 30 mil exemplares de "O Chalaça" e é coautor do roteiro de "Pequeno dicionário amoroso". — Os cineastas não vão gostar disso, mas para mim a literatura é mais séria, o cinema é mais fácil de esquecer.

Em parceria com Marcus — os dois se conheceram há dez anos, quando trabalhavam como jornalistas revisando uma revista de química — Torero agora incursiona no teatro. A peça, ainda sem nome, foi escrita para Hamilton Vaz Pereira e leva à cena os protagonistas de "Romeu e Julieta", "A megera domada" e "Otelo" lançados em situações não imaginadas por Shakespeare. Mais uma vez, a História vira piada. ■

Reprodução

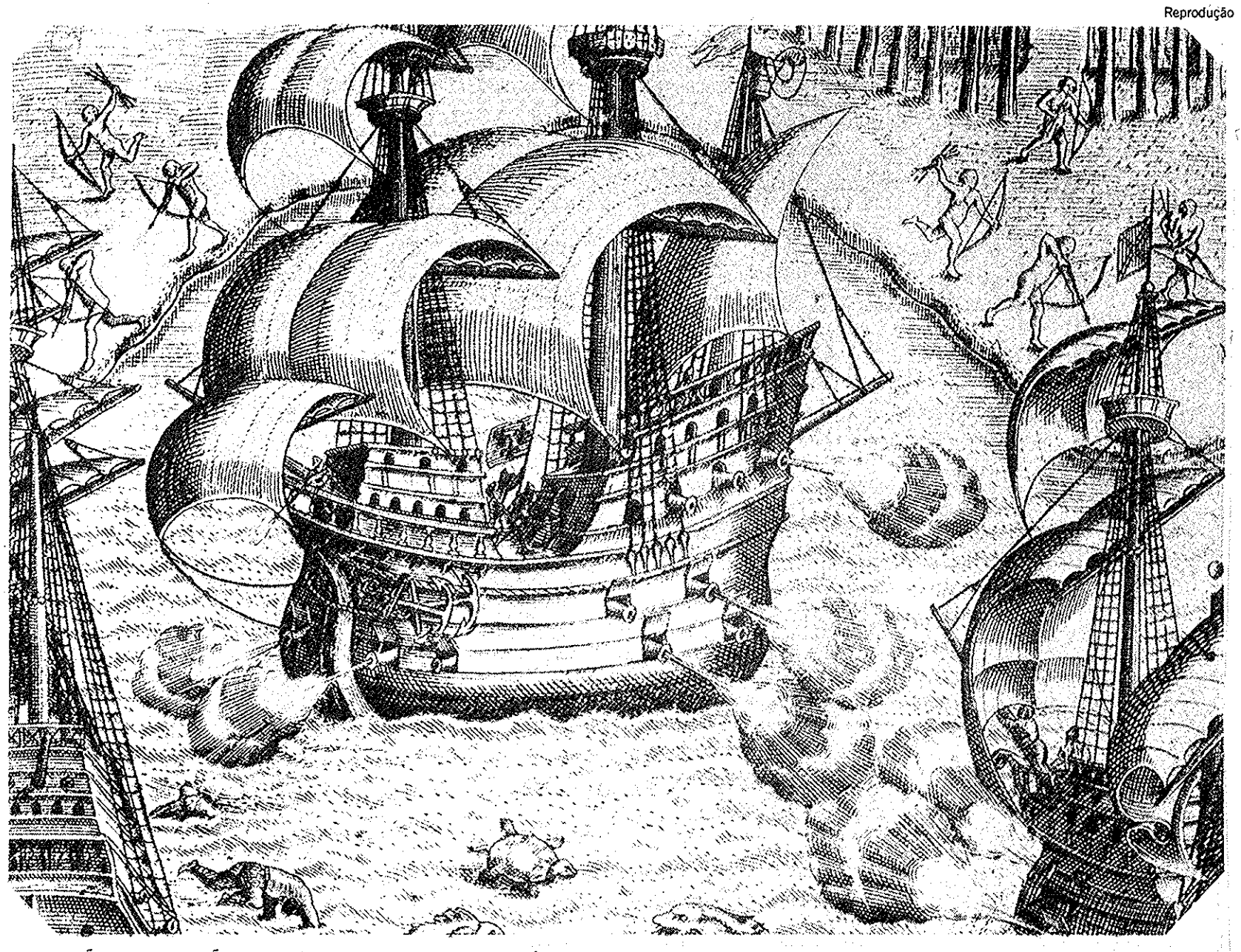

ILUSTRAÇÃO DA EXPEDIÇÃO de Cristóvão Jacques, enviada por Portugal para combater o contrabando no Brasil: o episódio é recriado em "Terra papagalli"

Lixo e desmatamento no cenário de Cabral

Exposição alerta contra a devastação no Museu Aberto do Descobrimento

BRASÍLIA

Asfalto cobrindo praias, placas de loteamentos e carros invadindo a areia fazem parte do cenário do Museu Aberto do Descobrimento, criado no ano passado por um decreto presidencial. O museu é uma área de 130 quilômetros quadrados da costa brasileira — entre os municípios de Prado e Santa Cruz de Cabrália, no sul da Bahia — onde Pedro Álvares Cabral aportou suas naus em 1500. Para abrir as comemorações dos 500 anos da chegada de Cabral e alertar para a necessidade de preservação do meio ambiente na área do museu, foi montada em Brasília a exposição "Descobrimento do Brasil".

Mais de 700 pessoas visitam diariamente a exposição, no Salão Negro do Congresso Nacional. A maioria dos visitantes são alunos das escolas públicas e particulares de Brasília. O Rio será a próxima cidade a receber os painéis sobre o descobrimento.

A mostra é baseada no texto de Pero Vaz de Caminha, escrivão de Cabral que narrou a chegada dos portugueses. Não é uma exposição de documentos originais, mas de reproduções, quadros e fotografias. Ao lado de trechos da carta de Caminha, são apresentados grandes painéis com fotos recentes dos locais onde as naus aportaram em 1500.

— É uma exposição didática, conduzida por uma narrativa popularizada do descobrimento — disse Roberto Costa Pinto, presidente da Fundação Quadrilátero, organizadora do evento.

O principal objetivo da exposição é divulgar aos brasileiros o conceito de museu aberto, hoje ainda pouco conhecido.

Costa Pinto disse que, embora a maior parte da área do museu esteja preservada, uma faixa de pouco mais de 20 quilômetros já começa a apresentar sinais de intensa degradação. Nas praias mais próximas a Porto Seguro, quilômetros das antigas areias brancas viraram área de estacionamento. A exposição mostra ainda algumas áreas verdes devastadas por loteamentos irregulares, muito lixo, pousadas e bares improvisados nas praias.

— A exposição funciona também como um alerta — disse Costa Pinto. ■

Aílton de Freitas

ESTUDANTES DIANTE de um dos painéis da exposição: ecologia e história

A LÍNGUA DA 'TERRA PAPGALLI'

- **CARACU:** suco de aipim mastigado
- **CARUAÍBA:** comida estragada; cérebro de branco
- **CUESSÉ:** ontem
- **CUESSÉ CUESSÉ:** anteontem
- **CUESSÉ CUESSÉ CUESSÉ:** antigamente
- **NAÁNI:** não
- **NAANÉ:** não mesmo!
- **NAANIANGAI:** absolutamente não!, de jeito nenhum!
- **NHENGA:** falar
- **NHENHENGAGA:** gaguejar
- **NHENHENHÉM:** falar, falar, falar...
- **PEAQUITÃCUTÃCATUETÉ:** caminho curto
- **PEPUCU:** caminho longo
- **XIÁ:** vai-te daqui!
- **XORI:** vem cá...